

## INTRODUÇÃO

No início de 2017 Élide Valarini Oliver, Professora de Literatura Brasileira e de Literatura Comparada, Editora da revista *Santa Barbara Portuguese Studies* e Directora do *Center for Portuguese Studies* da Universidade de California, Santa Barbara, convidou-me para editar um número sobre Espinosa.<sup>1</sup> O objectivo seria levar investigadores de língua portuguesa a escrever sobre a presença deste filósofo nas culturas portuguesa e brasileira. Tendo passado grande parte da minha vida académica e trabalhar sobre este pensador foi-me fácil contactar uma série de colegas com quem compartilho o amor ao autor da *Ética*. E aos poucos, o número foi-se construindo, com os contributos livremente escolhidos por cada um dos convidados - seis portugueses e sete brasileiros, dez homens e três mulheres (talvez a disparidade de género seja consequência do que o filósofo escreveu no último parágrafo do *Tratado Teológico Político*).

A diversidade das ofertas levantou-me alguma perplexidade quanto à melhor arrumação dos textos. Optei por seguir o critério da ordenação alfabética dos seus autores. Na verdade há uma grande variedade de perspectivas e de abordagens.

**No que respeita a colaboradores portugueses** temos **Luís Machado de Abreu** que em *Espinosa no ensaísmo português* faz o inventário dos textos saídos sobre o filósofo (em Portugal) desde o princípio do século XXI, completando uma sua publicação anterior sobre *A bibliografia portuguesa de Spinoza* (Aveiro, 1999). Constata que incidem quase sempre sobre a *Ética* e sobre os *Tratados Políticos*, sendo os seus autores intelectuais e académicos. Como tal, conclui que o filósofo só indirectamente é conhecido pela maioria dos leitores portugueses cultos. O que não impede que Machado de Abreu valorize os actuais cultores portugueses de Espinosa, analisando criteriosamente as suas publicações.

Baseado no facto de as traduções portuguesas de Espinosa só terem surgido no segundo quartel do século XX, **André Santos Campos** em *A presença de Espinosa na cultura de língua portuguesa* salienta a ausência do filósofo na cultura em língua portuguesa até esta data. O artigo faz o levantamento das diferentes traduções da obra do filósofo para português, quer em Portugal quer no Brasil, evidenciando os progressos realizados nesta tarefa. De facto, de traduções inicialmente realizadas a partir de outras traduções, o panorama actual obedece a critérios rigorosamente definidos por académicos e equipas de estudiosos que se têm dedicado a esse trabalho. De igual modo considera a dificuldade em traduzir certos conceitos-chave do autor, no contexto do espinosismo contemporâneo. Estão neste caso, entre outros, termos como *respublica*, *societas civilis*, *urbs*, *corpus*, *conatus*, *mens*, etc.

---

<sup>1</sup> A grafia do nome do autor - Espinosa, Spinoza, Espinoza, etc. mereceria uma discussão. Na verdade o filósofo nem sempre assinou do mesmo modo daí resultou uma grande variedade na identificação do seu nome. Esta disparidade gráfica fica bem visível ao longo dos treze textos que integram o presente volume. E, curiosamente, há autores que no mesmo texto escrevem Espinosa e Spinoza (vj. o texto de Fernando Bonadia).

A relação do filósofo com a poesia foi abordada por **João Barrento**. Em *Uma estética para a geometria. Spinoza no universo de Maria Gabriela Llansol*, o autor debruça-se sobre o diálogo desta escritora portuguesa com o filósofo judeu, realçando o modo muito próprio da leitura llansoliana que classifica como "livre, múltipla e híbrida, imperfeita e pessoal." J. Barrento acautela-nos quanto a "qualquer intenção de apropriação sistemática, de nova leitura global do sistema de Spinoza." O intuito de Llansol foi transformar o *more geometrico* do filósofo, revitalizando-o em *more poetico*, numa tentativa de criar uma estética literária para a geometria espinosana.

No domínio da filosofia propriamente dita, **Renato Epifânio**, em *Breve nota da presença de Espinosa no pensamento de José Marinho*, assinala as poucas mas significativas referências feitas pelo filósofo português ao autor da *Ética*, nomeadamente quando se refere a Hegel e a Bergson. Com este artigo ficamos cientes de que numa dada altura da sua vida José Marinho professou um unitarismo muito próximo do de Espinosa.

Em *Espinosa, o conhecimento e a política*, **Paulo Tunhas** socorre-se das interpretações de Fernando Gil e de Diogo Pires Aurélio para levantar o problema de como conciliar o livro V da *Ética* com os *Tratados Políticos*. Dado que no livro V se traça o caminho para a beatitude e a realização total através do conhecimento do terceiro género, como é possível ao sábio levar uma vida política? Será que ele deve recusar este tipo de actividade? Paulo Tunhas encontra solução para este dilema na teoria espinosana dos afectos.

Em *Espinosa como precursor das neurociências: a leitura apaixonada de António Damásio*, **Maria Luísa Ribeiro Ferreira** verifica que nos escritos deste cientista é frequente a presença de filósofos como interlocutores privilegiados. No caso concreto de Espinosa propõe-se acompanhar criticamente o modo como o neuro-cientista encara este pensador, considerando-o um parceiro privilegiado de diálogo na árdua tarefa de explicar os poderes da mente humana. O mecanismo processual dos afectos é um tema temática determinante para ambos, discutindo-se até que ponto Damásio foi fiel a Espinosa. .

**Relativamente aos colaboradores brasileiros** temos uma maioria de textos consagrados à influência de Espinosa em escritores e poetas. Assim, a dupla **Luis Oliva e Henrique Xavier** debruçou-se sobre a importância de Espinosa no primeiro romance de Clarisse Lispector, *Perto do coração selvagem* (1943). Em *Clarice e Espinosa: Batidas desordenadas entre dois corações* os autores realçam a interpretação pessoal da escritora quanto a conceitos centrais do pensamento espinosano tais como corpo, mente, eternidade, alegria, Natureza, bem e mal. A presença do filósofo também é visível nas inquietações da protagonista principal do romance de Lispector.

É também no domínio da literatura que **Fernando Bonadia** situa o seu texto *Spinoza: Um retrato relâmpago de Murilo Mendes*. Entre outros personagens notáveis, o poeta, prosador, ensaísta, crítico e professor de Literatura Brasileira retratou Espinosa como matemático, especialista no pensamento racionalista, contemporâneo da pintura holandesa do século XVII. Bonadia desenvolveu o seu texto, a partir das marcas deixadas por Murilo nos dois exemplares da *Ética* por ele lidos e anotados, valorizando o olhar do poeta como "leitor literato" e não propriamente como o "leitor filósofo"

Machado de Assis, é outro escritor que, segundo **Marcos Ferreira de Paula**, foi influenciado por Espinosa. São comuns os trabalhos da tradição crítica literária a reivindicar um Machado de Assis schopenhaueriano. Esta identificação de Machado com o defensor do pessimismo é discutida no texto de Marcos de Paula. Sem pôr em causa tal aproximação, Marcos contrapõe uma outra influência, até aqui pouco estudada mas que, no seu entender, marcou profundamente o escritor brasileiro - Espinosa. O soneto de Machado sobre o filósofo judeu surge como primeiro degrau para uma aproximação do escritor com o filósofo.

Em *Farias Brito: um espinosista nos trópicos*, **Marilena Chauí** lembra-nos que até ao século XIX, Espinosa foi ignorado no Brasil. O elogio do autor da *Ética* surge inesperadamente na obra de Farias Brito, uma figura controversa do pensamento brasileiro, que defendeu ter encontrado no filósofo judeu a "mais eloqüente e radical confirmação positiva da verdade." Chauí faz o levantamento de algumas interpretações do elogio de Farias Brito a Espinosa, questionando as razões que levaram à interpretação positiva deste no pensamento brasileiro, depois de anos de crítica acerba. De igual modo se debruça sobre qual o Espinosa que Farias Brito conheceu bem como sobre os motivos que o levaram a considerar-se espinosista.

É precisamente Marilena Chauí que **Homero Santiago** coloca como figura central do seu texto *Espinosa contra a ditadura militar brasileira*, recorrendo à tese de doutoramento desta filósofa (*Introdução à leitura de Espinosa*) para analisar a ditadura instalada no Brasil em 1964, apresentando-nos um Espinosa "rigorosamente abasileirado e mobilizado (...) contra a ditadura militar brasileira." É uma reflexão sobre uma obra que, no dizer da sua autora foi escrita "sob o signo da crítica da ditadura" e onde a filosofia é praticada como "crítica do instituído". Fica assim bem patente o modo como o filósofo continua a ser uma referência válida para a interpretação de fenómenos contemporâneos.

Em *Joaquim de Carvalho: Spinoza pensava em português*, **Emanuel da Rocha Fragoso** interessou-se pela língua em que Espinosa pensava. Retomando um artigo anteriormente publicado sobre este tema debruça-se sobre a tese de Joaquim de Carvalho, um espinosista que sustenta ser o português a língua de base do autor da *Ética*. O fundamento desta interpretação baseia-se na expressão "*nec per somnium cogitat*", usada quer na *Ética* quer no *Tratado Político*. Rocha Fragoso reforça a hipótese de Joaquim de Carvalho com a análise da Carta XXXII de Espinosa a Oldenburg, onde a mesma expressão de novo aparece.

Distinguindo-se dos restantes artigos, visto que se debruça sobre a tradução de um conceito específico da *Ética*, temos o contributo de **Fátima Bertini** em *O conceito de saudade (desiderium). A pertinência de uma tradução*. Nele Bertini discute o uso da palavra saudade na tradução portuguesa (do Brasil) para o termo latino *desiderium*. Esta opção feita por Tomaz Tadeu é confrontada com a tradução portuguesa (de Portugal) onde se optou pela expressão "desejo frustrado".

Agradecemos a todos os colaboradore(a)s a variedade e originalidade das suas perspectivas, bem como o cumprimento das normas propostas pelo editor, facto que facilitou grandemente a organização deste número.

Maria Luísa Ribeiro Ferreira

Lisboa, Abril, 2018